

## A “REINVENÇÃO” DA NEGRITUDE A PARTIR DA SERRA DA BARRIGA (AL)

JOSÉ BENTO ROSA DA SILVA  
Universidade Federal de Pernambuco

*Resumo:* O artigo investiga a importância da Serra da Barriga, patrimônio histórico nacional, como referência de identidade para militantes do Movimento Negro Brasileiro. A partir de uma experiência pessoal, o autor descreve aspectos da militância do Movimento Negro Brasileiro, onde se inseriu após leitura de alguns intelectuais negros no início da década de oitenta do século XX. Em seguida tece considerações históricas sobre o Quilombo de Palmares e finaliza com uma rápida descrição da atual Serra da Barriga, lugar de memória para os afro-brasileiros.

*Palavras-chaves:* Memória; Identidade; Patrimônio

*Abstract:* This text investigates the importance of Serra da Barriga, national historic patrimony, as an identity reference to the Brazilian Black Movement militants. From a personal experience, the author describes aspects of Brazilian Black Movement militancy, where he entered after reading some black intellectuals in the early 1980s. Following, he composes historic considerations about Quilombo de Palmares and finishes with an actual short description of Serra da Barriga, a memory place to the Afro-brazilian People.

*Key-words:* Memory; Identity; Patrimony

**E**ste texto foi elaborado a partir de duas viagens até a Serra da Barriga, no interior de Alagoas, tombada como Patrimônio Histórico Nacional por ter sido a sede do maior Quilombo das Américas: Palmares.

A visita me ajudou, a partir da memória, a recuperar um pouco de minha trajetória histórica, ou melhor, a redescoberta de minha negritude e, posteriormente, de minha militância no Movimento Negro Brasileiro, como professor de História da África e como investigador da história do Brasil a partir da matriz africana.

### 1. Da insônia à memória e à história

Janeiro de 2008. Acordo no meio da noite com um pensamento: escrever sobre a negritude brasileira a partir de minha segunda visita à Serra da Barriga. O sono fugiu. Eu, numa pousada conseguida a duras penas – como se verá adiante –, na Cidade de União dos Palmares, fiquei ruminando o que seria o dito texto.

Comecei pela revisitação a uma leitura efetuada, na segunda metade da década de oitenta, embalado pelo debate em torno do centenário da Lei Áurea. Estou me referindo à obra **A questão da negritude**<sup>1</sup>, publicada em 1984. Obviamente, veio-me à memória Aimé Césaire, poeta da Martinica, a quem foi atribuída a criação da palavra negritude; Léopold Sédar Senghor, o Orfeu Negro de Jean Paul Sartre; **O quilombismo**, **Genocídio do negro brasileiro** e **O negro revoltado**, todos de autoria de Abdias do Nascimento<sup>2</sup>, que me iniciaram na negritude, quando ainda cursava filosofia no seminário da igreja católica apostólica romana, no final da década de setenta e início dos oitenta, quando da transição da ditadura militar para o processo de redemocratização. Ocasão em que comecei, efetivamente, a militar no MNU (Movimento Negro Unificado em Belo Horizonte – MG).

Esta segunda visita à Serra da Barriga, diferentemente da primeira, proporcionava-me uma viagem ao meu próprio passado, à descoberta da minha negritude, quando pensei em elaborar uma Monografia de Conclusão do Curso de Filosofia, discutindo a presença dos afro-descendentes<sup>3</sup> na hierarquia da igreja católica brasileira, ao que fui desestimulado pela coordenação do mesmo Curso e tido como um sujeito que tinha complexo de inferioridade, uma das razões para

a minha expulsão, posteriormente. Mas em que consistia a negritude, segundo os teóricos e militantes acima citados? Zilá Bernd sintetizou a negritude como:

momento primeiro de uma tomada de consciência de uma situação de dominação, de espoliação e discriminação, podem ser consideradas como manifestações da negritude a revolta dos escravos no Haiti, onde liderados por Toussaint Louverture os negros chegaram a obter a independência do país em 1804, e os quilombolas brasileiros que representaram o primeiro grito negro contra o dominador branco. **Na verdade, a ação do herói da libertação haitiana – Toussaint Louverture – e do herói do Quilombo dos Palmares – Zumbi – pode ser tomada como o marco zero da negritude [...]**<sup>4</sup>.

É importante notar que nem sempre a luta dos africanos e seus descendentes na condição de escravos contra a escravidão e coisificação foi vista positivamente, ou seja, o conceito de negritude não tinha sido inventado<sup>5</sup>, muito pelo contrário, as ações dos negros eram vistas como um caso de polícia, algo a ser evitado à qualquer preço. E mais, o negro era sinônimo de impureza, como bem frisou Ilka Boaventura Leite:

[...] Um fato é notório: convertido em escravo, o africano passou a ser denominado negro[...] Num olhar retrospectivo, caberia lembrar algumas conotações que o termo negro foi acumulando no processo de constituição da significação atual. Derivado do latim Niger, suas primeiras ocorrências nas línguas romances tem o sentido de funesto [...] Em poucas palavras, tornar-se negro equivale a desacreditar, desabonar, infamar[...]<sup>6</sup>.

Convém revisitar Palmares do passado, a partir de Gaspar Barlaeus<sup>7</sup>, lugar de minhas experiências no presente (janeiro/fevereiro de 2008) para constatar a visão de um dos encarregados de divulgar as obras do então governador do Brasil-Holandês, João Maurício, Conde de Nassau, sobre os negros palmarinos e suas ações no século XVII:

Resolveu-se também destruir os quilombos dos Palmares, para onde se dirigia uma aluvião de salteadores e escravos fugidos, ligados numa sociedade de latrocínios e rapinas, os quais eram dali mandados às Alagoas para infestarem as lavouras. Há dois desses quilombos: os Palmares grandes

e os Palmares pequenos. Estes são escondidos no meio das matas, às margens do rio Gungouí, afluente do célebre Paraíba. Distam de Alagoas vinte léguas e da Paraíba, para o norte, seis. Conforme se diz, contam seis mil habitantes, vivendo em choças numerosas, mas de construção ligeira, feitas de ramos de capim. Por trás dessas habitações há hortas e palmares.

Imitam a religião dos portugueses, assim como o seu modo de governar: àquela presidem os seus sacerdotes, e ao governo os seus juizes. Qualquer escravo que leva de outro lugar um negro cativo fica alforriado; mas consideram-se emancipados todos quantos espontaneamente querem ser recebidos na sociedade.

As produções da terra são os frutos das palmeiras, feijões, batatas doces, mandioca, milho, cana de açúcar. Por outro lado, o rio setentrional das Alagoas fornece peixes com fartura. Deleitam-se aqueles negros com a carne de animais silvestres, por não terem a dos domésticos. Duas vezes por ano, faz-se o plantio e a colheita de milho. Colhido este, descansam quatorze dias, entregando-se soltamente ao prazer. A esses palmares se vai margeando a Alagoa do Norte. Certo Bartolomeu Lintz vivera entre eles para que, depois de ficar-lhes conhecendo os lugares e o modo de vida, atraísse os antigos companheiros e servisse de chefe da presente expedição.

Os chamados Palmares Grandes, à raiz da serra Behé, distam trinta léguas de Santo Amaro. São habitados por cerca de 5.000 negros, que se estabeleceram nos vales. Moram em casas esparsas, por eles construídas nas próprias entradas das matas, onde há portas escusas, que, em casos duvidosos, lhe dão caminho, cortado através das brenhas, para fugirem e se esconderem. Cautos e suspicazes, examinam por espias se o inimigo se aproxima. Passam o dia na caça, e, ao entardecer, voltam para casa e se inquietam com os ausentes. Espalhando primeiro vigias, prolongam uma dança até meia-noite e com tanto estrépido batem com os pés no chão que se pode ouvir de longe. Dão ao sono o resto da noite e dormem até às 9 ou 10 horas da manhã. O caminho destes Palmares é do lado das Alagoas. Encarregara-se um tal Magalhães, morador nas Alagoas, de comandar uma expedição contra estes Palmares, mas deveria ser tentada só em setembro, porque, adiantando-se o estio, há falta de água. Assim, calcularam

os holandeses que poderiam subjugar aquelas populações com uma força de 300 soldados, armados de mosquetes e espingardas, 100 mulatos e 700 índios guerreando com as suas próprias armas. Os petrechos bélicos eram machados, enxadas, bipenes, facões, que serviriam de abrir e aplanar os caminhos, fora os instrumentos empregados nas nossas guerras. Prometiam-se recompensas aos índios, único meio de anima-los para o perigo. Entretanto, a rebelião de São Tomé<sup>8</sup> e os aprestos de Brauer, que ia partir para o Chile, fez fracassar esta expedição traçada pelo Conde e pelo Conselho<sup>9</sup>.

As informações de Barleaus sobre o Palmares de ontem são riquíssimas, mas devemos considerar que foram elaboradas a partir de anotações fornecidas pelo, então governador do Brasil-Holandês, Maurício de Nassau e de viajantes estrangeiros; logo, é preciso lembrar das limitações de tais informações, ou seja, do viés etnocêntrico que elas continham. Faz-se necessário uma leitura à contra pêlo, como fez, por exemplo, o intelectual e militante Clóvis Moura, a partir do final da década de cinquenta e início dos anos sessenta, lançando outros olhares sobre Palmares, como bem frisou Pedro Paulo Funari, um dos arqueólogos que fez prospecções na Serra da Barriga: “[...] O Quilombo de Palmares construído por Moura, parece ultrapassar o tempo da sociedade colonial; torna-se um exemplo de luta a ser seguido no Brasil da ditadura. Simboliza a liberdade e o fim das explorações das classes sociais [...]”<sup>10</sup>.

Moura, sintonizado com os debates políticos do país (foi militante do Partido Comunista) e com uma produção intelectual engajada, buscou, sobretudo, em **As rebeliões da senzala**<sup>11</sup>, mostrar o escravo como sujeito de sua história. Era, a meu ver, a negritude tropical sendo inaugurada por um intelectual militante do Partido Comunista, a exemplo do que tinha sido feito por outro intelectual negro na imprensa em fins dos anos quarenta e início dos cinquenta; estou me referindo a Abdias do Nascimento, com o jornal mensal **Quilombo**<sup>12</sup> e com o Teatro Experimental do Negro.

Ao folhear as edições de número 1 a 10, não encontrei nenhuma referência específica ao Quilombo de Palmares, mas o próprio título do

jornal já aponta para a busca da negritude. E mais, no programa, estava estabelecido, entre outros objetivos, o de:

Trabalhar pela valorização e valoração do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico e artístico[...] **lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares[...]**<sup>13</sup>

Embora, como mencionei anteriormente, não tenha encontrado referências específicas sobre o Quilombo de Palmares no referido jornal, encontrei, no mesmo, o programa do 1º Congresso do Negro Brasileiro, realizado em 1949. Os eixos temáticos: História, vida social, sobrevivências religiosas, sobrevivências folclóricas, línguas e estética. No terceiro item do eixo temático História, constava “Os quilombos e as revoltas de escravos. **Palmares**. Os negros malês na Bahia. Os balaios. O movimento de fuga das lavouras paulistas”<sup>14</sup>.

As referências citadas acima, Barleaus, bibliografias sobre o Quilombo de Palmares, organizações do movimento negro brasileiro contemporâneo, bem como as minhas lembranças pessoais, algumas mediadas por fotos (em preto&branco) amareladas pelo tempo, foram frutos de pesquisas provocadas a partir da insônia daquele 27 de janeiro, após ter estabelecido um roteiro para a reflexão.

Em casa, no litoral norte do Estado Barriga Verde (como é conhecido o Estado de Santa Catarina), enquanto alguns foliões esquentavam os tamborins nas imediações deste bairro popular (Conjunto Habitacional Rio Bonito II – Bairro São Vicente), eu tratava de sistematizar tais informações e relacioná-las com meu Diário de Campo. Entre um intervalo e outro, assisti uma entrevista sobre os carnavais passados. Paulinho da Viola falava de sua paixão pela Portela e Martinho da Vila pela Unidos de Vila Isabel, destacando o samba de enredo do ano de 1988, intitulado **Quizomba**. Neste, uma versão das lutas dos negros brasileiros dos tempos coloniais aos dias atuais, passando, necessariamente, por Palmares e por Zumbi, conclamando a negritude:

Valeu Zumbi, o grito forte dos Palmares / O grito forte dos Palmares / Que correu terras céus e mares / Influenciando a Abolição[...] / [...] Ô, ô nega Mina / Anastácia não se deixou escravizar / Ô,ô Clementina / O pagode é o partido popular / Sacerdote ergue a taça / Convocando toda a massa / Nesse evento que com graça / Gente de todas as raças / Numa mesma emoção / Esta Kizomba é nossa constituição / Esta Kizomba é nossa constituição[...]<sup>15</sup>

Ao transcrever parte da letra do samba enredo de autoria do compositor e cantor Martinho da Vila, veio à memória a promulgação da atual Constituição da República Federativa do Brasil que, pela primeira vez, contemplou as questões étnicas/raciais<sup>16</sup>. A meu ver, fruto das reivindicações dos movimentos sociais organizados (no caso específico, o Movimento Negro que, desde sua re-organização no final da década de setenta e início dos oitenta, tinha como uma das bandeiras de luta a instituição do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, em homenagem ao líder Zumbi dos Palmares<sup>17</sup> e a inclusão da disciplina História da África nos currículos escolares<sup>18</sup>).

Uma lembrança puxa a outra: lembro, ainda, que no ano de 1988 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) escolheu como tema da Fraternidade a “questão da negritude”, após uma polêmica na hierarquia da mesma, devido ao slogan<sup>19</sup>; na verdade, a Arquidiocese de Recife e Olinda (sob a liderança de Dom Hélder Câmara e Dom Pedro Casaldáliga) já havia realizada a Missa dos Quilombos<sup>20</sup>, uma espécie de *mea culpa* em relação ao comportamento da Igreja Católica com o povo negro na condição de escravos<sup>21</sup>.

## 2. Diário de Campo

“Confinado” num microônibus, segui de Maceió para União dos Palmares (AL), com a intenção de subir a Serra da Barriga pela segunda vez. Já havia estado lá no início do século XXI, se não me engano em... – A memória não me ajuda no momento, vou consultar meus registros fotográficos –<sup>22</sup>. Na época, pelo que me lembro, embarquei num ônibus comum, – bem mais confortável –, ao cair da tarde de um final de janeiro. Desta vez, também final de janeiro de 2008, “confinei-me” (insisto no verbo) no referido micro, o penúltimo do dia; o último

seria à meia-noite. Perguntei pelo ônibus comum, me informaram que a empresa havia falido e que, no momento, só aquele tipo de condução estava sendo disponibilizado aos usuários<sup>23</sup>. Imaginei-me num navio negreiro (embora apenas três ou quatro dos passageiros eram negros) com malungos<sup>24</sup>, como nossos ancestrais. No céu, uma meia-lua-inteira (pra lembrar o bom baiano, compositor e cantor Caetano Veloso), ou seja, uma lua quase cheia; eu, no meu silêncio de mineiro, fiquei ouvindo os comentários dos “companheiros de viagem”: Um conversava sobre os males físicos que o atormentara por algum tempo e que chegara a ir para São Paulo tentar a cura, sendo que o que o salvou mesmo foram as ervas da terra; um senhor, que não pude identificar a idade, sentado na poltrona atrás da minha, falava sobre sua primeira viagem num pau-de-arara, aos quinze ou dezesseis anos de idade, quando, pela primeira vez, saíra da casa de seus pais, lembrando, com satisfação, da farinha que sua mãe preparara como componente de sua “matula”<sup>25</sup>; uma professora aposentada e um policial militar falavam das mazelas da profissão, da greve dos funcionários públicos no início do novo governo estadual, das falcaturas políticas, da falta de honestidade, da desunião das categorias em greve... concluindo que os políticos são todos uns “filhos da puta”, oportunistas, que ninguém devia votar em ninguém. Vi que o militar trazia na lapela duas estrelas, um capitão-do-mato frustrado com o seu senhor (o Estado?).

Foi uma hora e meia de leitura do presente à luz do passado, afinal, estava a caminho da Serra da Barriga, lugar-de-memória<sup>26</sup>: Dandara, Acothirene, Ganga-Zumba, Zumbi, dentre outros ícones da luta pela liberdade dos africanos e crioulos na condição de escravos ou de afro-descendentes em busca da plena cidadania faziam com que o presente me remetesse a um passado histórico.

Enquanto as conversas fluíam animadamente no desconforto (o malungo do meu lado direito, com um metro e oitenta de altura, mais ou menos, queixava-se de câimbras nas pernas) da condução, lá fora, uma lua, já quase inteira, exibia um São Jorge matando eternamente o dragão da maldade enquanto, fagueiramente, corria pelo céu, deixando a noite bem clara, de forma que era possível notar os latifúndios que depois vim a saber que um deles era de propriedade da tradicional família Lira, no caso específico, de João Lira, usineiro e político de Alagoas<sup>27</sup>.



Eu viajava com “um olho no padre e outro na missa” ou, como dizia meu amigo Pádua, “carioca da gema”<sup>28</sup>, “com um olho no peixe e outro no gato”; de maneira que podia observar, também, as localidades pelas quais o “tumbeiro”<sup>29</sup>, - desculpem-, pelas quais a condução passava: Branquinha, Messias, Murici, São José da Lage...

Por volta das dezenove horas e quinze minutos, chegamos a União dos Palmares. A cidade, em ritmo de festa de padroeira: Santa Maria Madalena. Não me lembro de outra cidade no Brasil que tenha como padroeira Santa Maria Madalena. Diga-se, de passagem, vivi aproximadamente onze anos no seio da “Santa Madre”<sup>30</sup> e nunca soube que aquela Madalena<sup>31</sup> havia se “convertido em Santa”, mas, na religiosidade popular, ela é e sempre foi.

Advertiram-me das possíveis dificuldades de alojamento, já que a festa atraía peregrinos e festeiros de toda a região da Zona da Mata Alagoana. De fato, não foi fácil encontrar uma pousada. Mais uma vez, a memória me levou à tradição cristã, na qual fui educado: lembrei-me da peregrinação de José, Maria e do rebento que estava pra nascer; dos três reis magos representando as três raças (branca, negra e amarela); do rei Herodes... das missas do galo que eu, quando coroinha, ajudava em Lavras (MG), minha terra natal. Estas memórias devem estar relacionadas com o contexto: natal, dia de reis, pastoril, queima da lapinha e outras manifestações ligadas à cultura da religiosidade popular.

Felizmente, depois de uma “romaria” pelos hotéis e pousadas, consegui uma última vaga na Pousada Palmares, ainda no centro da cidade, onde era possível avistar as barraquinhas e preparativos para o auge da festa.

Antes de subir a Serra, um passeio pela cidade, a fim de saber o que havia mudado desde 2003. Ouvi, de moradores, que a visita à Serra estava proibida para os habitantes devido as obras que lá estariam sendo realizadas, inclusive, sob a vigilância do Exército. Que ironia. A mesma instituição que, no passado, teria ajudado a destruir Palmares, agora estaria protegendo por ter sido tombado como Patrimônio Histórico Nacional, a 20 de novembro de 1985, conforme o monumento erigido na Serra. Mas, posteriormente, certifiquei-me que não passou de um engano do informante: o caminho estava livre para visitas, mesmo com a realização das referidas obras.

Segui em direção da Serra, sob um sol de uns trinta e sete graus, aproximadamente, observando atentamente tudo que se passava ao redor. Atravessei uma ponte sobre o rio Mondaú, algumas pessoas a cavalo se dirigiam para suas residências nas imediações da Serra. Tinham ido à cidade e retornavam. Eram nove horas da manhã, portanto, executaram suas tarefas logo cedo; como diz um provérbio popular: “Deus ajuda a quem cedo madruga”. Eu não tinha madrugado, mas os orixás estavam do meu lado, pois tudo corria bem; e não haveria por que ser diferente, apesar do clima conturbado na capital por conta das greves, como mencionei anteriormente.

Ao lado direito e esquerdo da estrada que leva até a Serra, a permanência da monocultura da cana-de-açúcar, latifúndio da tradicional família Lira... A questão agrária no Brasil contemporâneo nos remete ao Brasil Colonial; pensei em **Quatro séculos de latifúndio**, publicado no calor do ano de 1968<sup>32</sup>.

Posteriormente, ao sentar para escrever estas reflexões, me vi obrigado a revisitar a obra mencionada. Chamou-me a atenção, na apresentação de Antônio Houaiss, o último parágrafo: “Grande pequeno livro, síntese feliz do infeliz processo dos nossos quatro séculos de latifúndio – que seja bem-vinda sua presença entre todos os estudiosos e práticos do pensamento e ação políticos brasileiros”<sup>33</sup>.

Prossigui a caminhada, notando, ao pé da Serra, muitas palmeiras... Ganga Zumba, Dandara, Acotirene, Andalaquituche, Aqualtune, Gana Zona, Gaga Muiça, Tocolo, Acaiúba... Eram referências que eu puxava das paredes da memória, leitura que eu fizera de Décio Freitas, Joel Rufino, Clóvis Moura, dentre outros, num outro tempo, bem distante das Alagoas.

Em 2003, eu havia subido a Serra de moto-táxi; o moto-taxista serviu de guia, à sua maneira. Agora, não, encontrei um jovem (segundo ele, descendente de antigas tribos indígenas que habitavam o Quilombo), José Carlos dos Santos, o Ito, que foi meu guia. Diga-se, de passagem, um guia que me fez lembrar o Quilombo a partir das produções historiográficas acima citadas. Até porque, pelo que me informou, havia participado de uma série de cursos sobre a temática, bem como aulas de línguas (francês e inglês) a fim de bem informar aos turistas<sup>34</sup>. Na

minha opinião, uma mudança significativa em relação à minha primeira experiência vivida anteriormente na terra de Ganga Zumba.

Com os trabalhadores indo e vindo de lá para cá, debaixo de um sol nordestino de janeiro, Ito me explica a história do Quilombo e a estrutura que estava sendo erguida:

Aqui eles falam que ainda existe um remanescente de escravo, exatamente o Manu. Ele mora aqui próximo, uns dão aproximadamente cem anos a ele. Ele é um homem que habitou aqui na Serra da Barriga e nunca calçou um sapato, sempre descalço. Pegava caçua de mandioca para fazer farinha, mostrando que ele tinha sua força e sua coragem para fazer o trabalho. Bm, aqui, próximo à Serra da Barriga, existe o Muquém, que eles falam que são pessoas remanescentes de escravos; não se sabe exatamente se são daqui da Serra da Barriga, ou se são de outro quilombo; mas que até hoje eles cultuam a sua cultura: fazem panelas, cachimbos e outros tipos de materiais, tudo na argila e no barro, isso preservando e vendem no artesanato de União dos Palmares [...]

Aqui na Serra da Barriga, nós temos algo que pode contar que eles exatamente viveram aqui: temos as pedras de amolar as lanças, que até hoje tem as marcas onde eles afiavam as suas ferramentas. Também temos a Lago dos Negros que é justamente onde eles tomavam banho, lavavam suas roupas, pegavam água...e também uma árvore de origem africana que é a árvore de Ogan, ela foi trazida de lá, antes mesmo de Zumbi e foi planta aqui na Serra da Barriga<sup>35</sup>.

Posteriormente, ao nos aproximarmos da referida árvore, Ito falou das celebrações religiosas de matriz africana que são celebrados ao pé da mesma, sobretudo, por ocasião dos eventos referentes ao dia 20 de novembro. E mais, que esta árvore, no Brasil, é também conhecida como Gameleira. Nei Lopes diz que a “Gameleira-Branca (*Ficus doliaria*), árvore da família das moráceas, é de grande importância na tradição dos orixás. É morada do orixá Iroko e, por isso, recebe culto especial. No Brasil, recebeu essa consagração em substituição à árvore africana *Chlorophora excelsa*, chamada iróko pelos iorubas”<sup>36</sup>.

Comparando a narrativa do guia com as explicações do pesquisador, percebe-se, claramente, como a cultura africana foi

resignificada na diáspora, como mostram as pesquisas de historiadores, antropólogos e arqueólogos. Em suma, mostra-nos que a cultura não é estática...

A previsão da inauguração do Parque Memorial Quilombo dos Palmares está previsto, segundo Ito, para o dia 21 de março<sup>37</sup> do corrente ano. Ele frisa que o que se tinha anteriormente não era propriamente um Memorial, mas a simulação de algumas construções, a que está em construção, segundo ele, será fixa, mais perfeita e primitiva, como na época. Em seguida, passou a descrever:

[...] Aqui será duas pequenas ocas indígenas (aponta o local da construção) que será justamente para lembrar a cultura indígena, dentro terá algumas peças artesanais para serem vendidas... Ali (aponta noutra direção) teremos o espaço Batucajé<sup>38</sup> e Kaapoeira, que será o local de apresentações e palestras; todos os dias, não será mais apenas no dia 20 de Novembro, mas todos os dias[...] Ali, atrás das palmeiras, será o palácio Muchinga<sup>39</sup> de Palmares, pois aqui eles cultuavam um dialeto de origem africana, que era justamente o bantu. O local Muchinga de Palmares é o local dedicado exclusivamente para Zumbi. Zumbi ficará presente ali. Muchinga de Palmares, quer dizer o coração de Palmares. Ao lado será o Cruzambê<sup>40</sup>, que também é uma casa de santo, para as pessoas cultuarem a sua religiosidade. Ao lado ainda terá o Oxilé<sup>41</sup> das ervas, que é justamente a plantação de várias ervas para que as pessoas conheçam as ervas medicinais e as suas finalidades<sup>42</sup>.

Após estas informações, Ito me convidou a conhecer um monumento localizado ainda na área central, próximo aos palácios em construção. O monumento em concreto, verticalizado, foi assim descrito:

O memorial demonstra as três raças: a maior é a raça negra, a segunda é a indígena, e a menor é a raça branca. Mas as brancas era justamente as pessoas excluídas da sociedade daquela época. Eram as prostitutas, os mendigos, todos aquele miserável que eles não aceitavam (a elite da época), eles vinham para cá e se refugiavam no Quilombo dos Palmares<sup>43</sup>.

A simbologia do monumento, descrita pelo guia, evidencia a versão da historiografia que aponta o quilombo como uma alternativa à sociedade vigente na época, ou seja, um local onde os marginalizados podiam reconstituir suas vidas. Mas que para o *status quo* não passava de lugar de bandidos e salteadores da pior espécie, como ficou evidente na descrição de Barleaus. Em meio às explicações e leituras dos monumentos, Ito narrou a história de Zumbi. Narrativa muito semelhante a de Joel Rufino dos Santos e Décio Freitas, inclusive, a “conversão do coroinha do Padre Melo de Francisco, em Zumbi<sup>44</sup>”. As narrativas apontam para o surgimento de uma “negritude” do ex-coroinha do Padre Melo.

Ito me convidou a conhecer o mirante três que, segundo ele, futuramente será denominado Atalaia de Akaiene e acrescentou: “Atalaia é o mesmo que ponto de observação de mirar”. E, olhando e apontoando para a Serra, ao longe, completou:

Bom, foi lá, naquela última Serra...(fez uma pausa) pois Zumbiu fugiu daqui por uma trilha com alguns de seus companheiros e manteve-se escondido aproximadamente por um ano na Serra Dois Irmãos, no Sumidouro; naquela última Serra. Uns dizem que um de seus colegas o delatou, mas já tem outras versões que diz que este colega dele foi massacrado até dizer realmente onde Zumbi estava. Foi exatamente daí que Zumbi foi pego lá na Serra Dois irmãos, próximo de onde é hoje a cidade de Viçosa. Foi pego: uns falam que foi levado até Porto Calvo, lá foi torturado... antes mesmo eles já tinham matado vários negros para saber exatamente quem era Zumbi, e não tinham encontrado exatamente. Falam que mesmo antes dele morrer, ele disse uma simples frase: ‘ – é melhor a morte na liberdade do que a vida na escravidão’ . E acrescentou que , muitos escravos assim fizeram, preferiram se jogar de morro abaixo do que ficar sofrendo como escravos dos senhores de engenho.

Quando ele pronunciou estas palavras, degolaram e levaram sua cabeça até a praça do Carmo em Pernambuco. Lá ela ficou em exposição para que todas as pessoas vissem que eles tinham matado o rei da liberdade, e que nenhum outro negro se rebelasse e não fizesse o que Zumbi fez. Esquartejaram seu corpo como se fosse um porco. Este

foi o fim da história de Zumbi... Mas que hoje ainda está na nossa memória e será cada vez mais lembrado até o fim de nossas vidas.

Analisando a narrativa do jovem guia, observei que ele vivia a história da Serra da Barriga quando, por exemplo, falou que “este foi o fim da história de Zumbi”, baixando a voz em um lamento, mas acrescentando, com voz alta, “mas que hoje ainda está na nossa memória e será cada vez mais lembrado até o fim de nossas vidas”.

Considero Ito um narrador, na acepção de Walter Benjamin. E foi o mesmo Benjamin que constatou, na década de trinta do século passado, que estava sendo raro encontrar pessoas que sabiam narrar devidamente e que a arte de narrar estava definindo porque a sabedoria, o lado épico da verdade, estava em extinção<sup>45</sup>. Tive a sorte de encontrar um jovem que soube narrar devidamente a história de Zumbi dos Palmares e da Serra da Barriga, lugar de memória dos afro-descendentes brasileiros.

Desci a Serra. Era o último dia da festa de Santa Maria Madalena e, pelos comentários, era seu auge, com palcos espalhados pela cidade e *shows* até a manhã do dia seguinte. Infelizmente, não tive a oportunidade de usufruir deste evento. Fica para uma próxima visita à União dos Palmares e à Serra da Barriga.

## Notas

<sup>1</sup> Estou me referindo à obra de Zilá Bernd, *O Que É Negritude*, da coleção QUALÉ, da Editora Brasiliense.

<sup>2</sup> SARTRE, J. P. *Reflexões sobre o racismo*. SP: Difusão Européia do Livro, 1960. NASCIMENTO, A. *O quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980; \_\_\_\_\_. *O genocídio do negro brasileiro*. RJ: Paz e Terra, 1978; \_\_\_\_\_. *O negro revoltado*. RJ: Nova Fronteira, 1982, 2ª. Ed. Leituras realizadas entre 1979 e 1982, nas seguintes cidades onde eu residi: Brusque (SC), 1979 e 1980; Belo Horizonte e Lavras (MG), 1981, e Itajaí (SC), 1982.

<sup>3</sup> Na época, não se havia, ainda, construído a expressão afro-descendentes, usavam-se afro-brasileiros ou, simplesmente, população negra. Estou me referindo ao ano de 1979, na cidade de Brusque, interior de Santa Catarina.

<sup>4</sup> BERND, Z. *Qualé*. A questão da negritude. SP: Brasiliense, 1984, p. 12. O grifo é meu.

<sup>5</sup> Procuo seguir a perspectiva analítica de Hobsbawm, que investigou a invenção de práticas culturais na Inglaterra dos séculos XIX e XX. Sobre esta questão. Ver. HOBBSAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. RJ: Paz e Terra, 1984.

<sup>6</sup> LEITE, I. B. Os sentidos da cor e as impurezas do nome: os termos atribuídos à população de origem africana. Florianópolis: UFSC, Cadernos de Ciências Sociais, Vol. 08 N. 02, 1988, p. 6-7.

<sup>7</sup> Gaspar Barleaus (1584-1648), foi contratado por João Maurício de Nassau-Siegen para fazer um relato dos seus feitos (1637-1644) no Brasil. A obra foi publicada em Amsterdã, em 1647. Barlaeus escreveu a partir dos arquivos de Nassau e de documentos coletados através de outras pessoas que estiveram no Brasil. Ele próprio, pelo que me consta, nunca esteve nestas terras tropicais.

<sup>8</sup> Na página anterior Barleaus dava notícias da rebelião dos portugueses na ilha de São Tomé, na África, e o receio que tinha que os mesmos portugueses “ *atrassem a façanha semelhante no reino de Angola e no Sergipe del Rei, alastrando-se os exemplos sediciosos*”.

<sup>9</sup> BARLAEUS, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980. p.253-254.

<sup>10</sup> FUNARI, Pedro Paulo e CARVALHO, Aline Vieira De. Palmares, ontem e hoje. RJ: Jorge Zahar, 2005, p.43.

<sup>11</sup> Quilombos e Guerrilhas. In. MOURA, Clovis. Rebeliões Da Senzala. SP: Livrarias Editora Ciências Humanas, 1981, 3ª. Ed. A primeira edição foi em 1959, pela Editora Zumbi, segundo Funari.

<sup>12</sup> Em 2003 a Editora 34 fez uma Edição Fac-Similar das Edições n. 1 a 10, dirigida por Abdias do Nascimento entre dezembro de 1948 a julho de 1950.

<sup>13</sup> Nosso Programa. In. Quilombo. N. 02. RJ: Maio de 1949, p. 03. O grifo é meu.

<sup>14</sup> Idem. O grifo é meu.

<sup>15</sup> Esta letra foi tirada do site [www.mus.br](http://www.mus.br) Acessado em 09.02.2007.

<sup>16</sup> O item IV do Artigo 3º. Do Título I: Dos Princípios Fundamentais da Constituição da República Federativa do Brasil, reza que entres os objetivos fundamentais está: “ Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. As emendas complementares referendam o referido artigo: – “ Crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor: Lê. N. 7.716, de 5.1.1989. e Lei n. 9.459, de 13.5.1997; – A Lei n. 8.081, de 21.9.1990, estabelece os crimes e as penas aplicáveis aos atos discriminatórios ou de preconceito de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional, praticados pelos meios de comunicação ou por publicação de qualquer natureza; – Conselho Nacional de Combate à Discriminação - CNCND: Decreto n. 5.397, de 22.3.2005; – O Decreto n. 4.886, de 20.11.2003, institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial - PNPIR”. In. *Constituição da República Federativa do Brasil*. SP: Saraiva, 2005, 37ª. Ed. (Atualizada até a Emenda Constitucional n. 48 de 10.8.2005).

<sup>17</sup> O reconhecimento veio em 1995, ano da celebração dos trezentos anos da morte de Zumbi dos Palmares. O então presidente Fernando Henrique Cardoso, fez o seguinte pronunciamento: “ No dia 20, rememoraremos os trezentos anos da morte de Zumbi dos Palmares, um brasileiro que lutou pelo fim da escravidão. Lutou pela liberdade. E deixou uma lição que vale muito para todos nós, hoje: o espírito comunitário. Ele viveu no Quilombo de Palmares, que acolhia negros, índios, judeus e até muçulmanos.

Zumbi morreu porque sonhava com uma vida melhor para todos. Não se contentava com a liberdade só para ele”. CARDOSO, Fernando Henrique. Pronunciamento á Nação, por Ocasião da Comemoração do 20 de Novembro. Folha de São Paulo, Caderno 3., p.3 ,15 de novembro de 1995. Apud. FUNARI, P. P. Novas perspectivas abertas pela arqueologia na Serra da Barriga. In. SCHWARCZ, L. M.; REIS, L. V de S. (Orgs.) **Negras Imagens**. SP: Edusp, 1996,p. 151.

<sup>18</sup> Sobre esta questão. Ver. Movimento Negro Unificado – Programa de ação. SP. Agosto de 1984,

<sup>19</sup> Um segmento (os vinculados à teologia da libertação e denominados progressistas pela imprensa) havia optado pelo slogan: “Ouvi o Clamor deste Povo Negro”. A ala conservadora, sob liderança de Dom Eugênio Sales (arcebispo da Arquidiocese do Rio de Janeiro) optaram por: “Ouvi o Clamor deste Povo”. Os últimos “saíram vencedores...”

<sup>20</sup> A Missa dos Quilombos foi celebrada, pela primeira vez, em 22 de novembro de 1981, em frente à Igreja do Carmo, em Recife, onde, em 1695, a cabeça de Zumbi foi exposta no alto de uma estaca.

<sup>21</sup> Sobre a relação entre Igreja Católica e escravidão. Ver: BENCI, J. *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos (Livro brasileiro de 1700): Estudo Preliminar de Pedro Alcântara Figueira e Claudinei M.M. Mendes*. SP: Grijalbo, 1977.

<sup>22</sup> Segundo meus registros, estive na Serra da Barriga no final de janeiro de 2003. A cidade estava se enfeitando para a festa de Santa Maria Madalena, conforme os registros fotográficos.

<sup>23</sup> União dos Palmares está localizada a 76,4 Km da capital, Maceió, na região leste alagoana, com uma população de 59.503 hab.

<sup>24</sup> “Malungos: Companheiros, camaradas; nome com que os escravos africanos tratavam seus companheiros de infortúnio no navio negreiro; irmão de criação” In. LOPES, N. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. SP: Selo Negro, 2004, p. 412.

<sup>25</sup> Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda: Matula: sf. Bras.farnel, provisões para a jornada, merenda.

<sup>26</sup> Expressão cunhada por Pierre Nora, mostrando a necessidade de construção de referências históricas, sobretudo, quando “ tudo que é sólido desmancha no ar”, - para lembrar a expressão marxiana -, diante das grandes transformações em virtude do desenvolvimento das relações capitalistas de produção. Sobre esta questão. Ver. NORA, P. Entre memória e história – a problemática dos lugares. In. PUC/SP. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. N. 10. SP: dezembro de 1993.

<sup>27</sup> Deputado federal, foi candidato a governo do Estado de Alagoas em 2006, sendo derrotado nas urnas; mas que alega ter havido fraude no pleito(foi derrotado no primeiro turno)eleitoral , conforme notícias dos jornais locais, que tive oportunidade de correr os olhos, nas bancas de revistas.

<sup>28</sup> Lembro deste dito carioca porque, com meu sotaque meio sul/sudeste, às vezes, me passava por carioca, - sem nunca ter sido – sou da terra de Chico Rei (MG). “ Chico Rei (1709- 1781) Personagem da história de Minas Gerais. Segundo alguns relatos que



mesclam realidade e fantasia, entre eles o do historiador mineiro Agripa Vasconcelos, nasceu no Congo, onde teria sido, ainda com o nome de Galanga, um misto de monarca e sacerdote. Tendo sido vendido para o Brasil, na primeira metade do século XVIII, com toda a sua corte, chegou a Ouro Preto, no atual estado de Minas Gerais, em 1740, acompanhado somente do filho Muzinga, pois a mulher e uma filha teriam morrido durante a viagem. Em terras brasileiras, teria recebido o nome de Francisco e, em decorrência, o hipocorístico “Chico”, com o qual passou à história. Depois de cinco anos como escravo de um major Augusto de Andrade Góis, teria conseguido sua alforria e a do filho e comprado a mina de ouro da Encardideira, supostamente esgotada, onde trabalhara. O capital para a compra da alforria fora conseguido mediante uma estratégia que consistia em esconder restos do ouro retirado da mina entre os fios da carapinha e ir entregando as porções a um certo padre Figueiredo, depositário da inusitada poupança. Com o trabalho na mina que comprou, Chico teria conseguido alforriar mais de quatrocentos cativos, que se tornariam seus súditos, num reino em que de acordo com a tradição, não faltaram palácio, trono, cetro e coroa de ouro, além das igrejas de Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia dos Pretos e da fundação da irmandade católica. Chico Rei teria falecido em 1781, aos 72 anos de idade. Em 1998 o pesquisador Antônio Barbosa Mascarenhas anunciava a presença de descendentes de Chico Rei a 100 quilômetros de Ouro Preto, na localidade de Pontinho, próximo a Paraopeba, MG. Eles teriam ido para lá depois do esgotamento total da mina de Encardideira, cujas ruínas são hoje atração turística, assim como as igrejas acima mencionadas, construídas graças à legendária poupança do líder, que, **um Zumbi às avessas, preferiu a astúcia e a negociação ao confronto com o establishment escravista**” (o grifo é meu) . In. LOPES, N. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. SP: Selo Negro, 2004, os. 189-190.

<sup>29</sup> “O mesmo que navio negreiro. A denominação alude às condições em que eram transportados os africanos escravizados para as Américas. Resulta de adjetivação do substantivo ‘túmulo’, transportador de cadáveres, indivíduo que conduzia mortos à tumba ou sepultura” . In. LOPES, Nei. Op. Cit. P.659.

<sup>30</sup> Vivi dez anos na Congregação do Sagrado Coração de Jesus e depois na Diocese de Luz, Minas Gerais. Alguns de nós usávamos a expressão “Santa Madre Igreja” para ironizar as diretrizes que considerávamos conservadoras por parte da hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana.

<sup>31</sup> Segundo o apóstolo Marcos, Maria Madalena, da qual Jesus, teria expulsado sete demônios, foi a primeira a testemunhar que o mesmo havia ressuscitado (Marcos. 16,9-10; ). Ver também: João: 20,11-16 e Mateus: 28,9-10. In. *A Bíblia de Jerusalém: Novo Testamento*. SP: Ed. Paulinas, 1983.

<sup>32</sup> O Ano de 1968 tornou-se emblemático devido aos movimentos de reivindicações na sociedade ocidental. Sobre esta questão, ver: 1968: História, Mitos, Utopias. In. COGGLIOLA, O. *Questões de História Contemporânea*. Belo Horizonte: Oficina De Livros, 1991; RIDENTI, M. 1968: Rebeliões e utopias. In.: REIS FILHO, D. A. et al.(Orgs.). *O Século XX- tempo das dúvidas*. RJ: Civilizações Brasileira, 2000.

- <sup>33</sup> HOUAISS, A. Apresentação. In. GUIMARÃES, A P. *Quatro séculos de latifúndio*. RJ: Paz E Terra, 1968.
- <sup>34</sup> Os cursos são patrocinados pela Fundação Palmares, Secretaria de Cultura da cidade, governo do Estado e Universidade Federal de Alagoas. José Carlos dos Santos, o Ito, espera ser contratado oficialmente como guia, enquanto isso, recebe “gorjetas” pelos trabalhos prestados...
- <sup>35</sup> Informações do guia turístico por ocasião da visita em janeiro/fevereiro de 2007.
- <sup>36</sup> LOPES, N. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. SP: Selo Negro, 2004, p.292.
- <sup>37</sup> Dia internacional de luta pela eliminação da discriminação racial. Instituído pela ONU, em virtude do massacre no bairro de Shaperville, na cidade de Joanesburgo, capital da África do Sul, à época do apartheid.
- <sup>38</sup> “Macumba com cânticos e soar de tambores; festa de negros, com música e comida farta” . In. LOPES, N. Op. Cit. p109.
- <sup>39</sup> Talvez seja Musinga. “Chefe dos Becu-Musinga ou Negros Matuari, marons da Guiana” In. LOPES, Op. Cit. p. 462.
- <sup>40</sup> “No culto omolocô, casa dos mortos, ilê-egun. Provavelmente do quicongo:Kulu, pastagem, campo+ Nzambi, Deus.Cp. Campo santo”. IN. LOPES, N. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. RJ: Ed. Pallas, 2003, p.85.
- <sup>41</sup> “Terra. Do umbundo ochila, terreiro. In. Idem. P. 170.
- <sup>42</sup> Informações do guia. Op.cit.
- <sup>43</sup> Idem.
- <sup>44</sup> Décio Freitas , no Capítulo VI – Zumbi, usou a expressão: “De coroinha a guerrilheiro”. In. **Palmares: a guerra dos escravos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. 5ª. Ed., p.114. Já Joel Rufino , no Capítulo II, preferiu a expressão “A morte de Francisco”.
- <sup>45</sup> BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. SP: Brasiliense, 1994.